

Recebido em 02/08/2022 e aprovado em 25/05/2023

UMA BREVE HISTÓRIA DA ARQUEOLOGIA

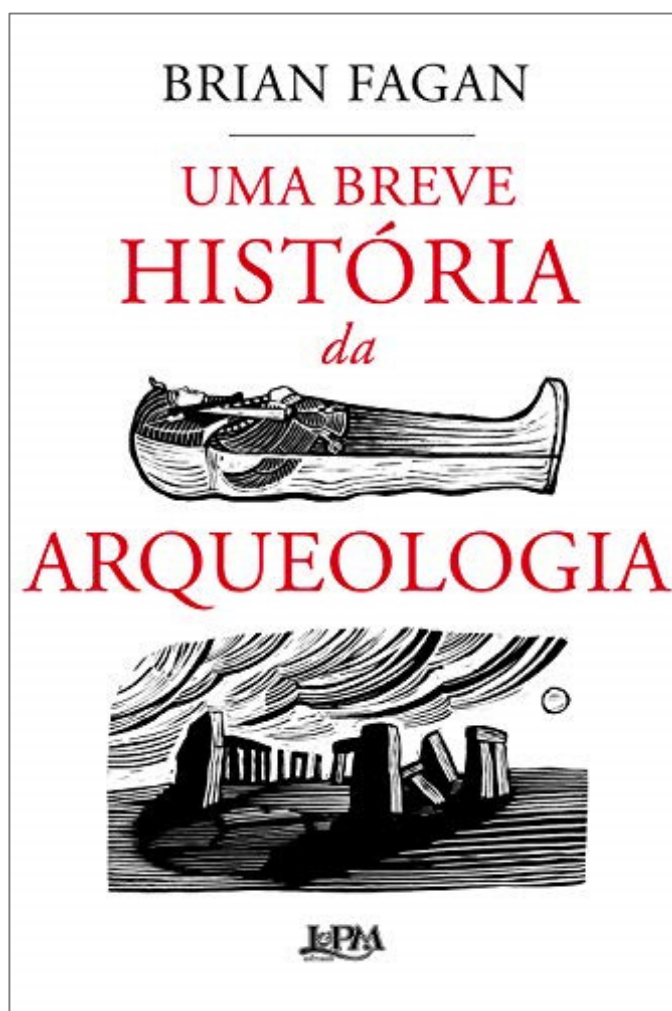
Brian Murray Porto Fagan, Alegre, RS, L&PM Editores, 2019, 320p.

Carlos Alberto Santos Costa¹

carloscosta@ufrb.edu.br. <http://orcid.org/0000-0003-1204-322x>

Mirta Kelen Barbosa Bezerra²

mirtabarbosa@aluno.ufrb.edu.br. <http://orcid.org/0000-0002-5288-4317>



132

¹ Docente, Departamento de Arqueologia, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, UFBA.

² Discente, Programa de Pós graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, UFBA.

O livro *A Little History of Archaeology*, (Uma Breve História da Arqueologia), escrito pelo arqueólogo e antropólogo inglês Brian Murray Fagan, foi publicado em 2018, pela Yale University Press, porém, sua versão traduzida para o português, por Janaína Marcoantonio, foi lançada pela L&PM Editores, em 2019, e faz parte de uma coletânea, iniciada a partir da publicação de *A Little History of the World (Um pouco da história do mundo)*, de Ernst Hans Josef Gombrich. Brian Fagan teve sua formação acadêmica realizada no Pembroke College, Universidade de Cambridge, onde concluiu o Bacharelado e o Mestrado em Artes, além do Doutorado em Arqueologia e Antropologia. Atualmente, é Professor Emérito de Antropologia na Universidade da Califórnia, Santa Bárbara. Fagan é autor de várias publicações, incluindo livros didáticos e artigos acadêmicos, nos quais procura abordar os avanços dos métodos e teorias arqueológicas em âmbito mundial.

A referida obra assemelha-se em essência a trabalhos clássicos que se propuseram a falar da ciência arqueológica para o grande público, tais como: “*The Cambridge Illustrated History of Archaeology*”, de Paul Bahn (1996); *Historia de la Arqueología*, de Glyn Daniel, (1992 [1974]); e *História do pensamento arqueológico*, de Bruce Trigger, (2004). Comparada às obras análogas, refere-se a um trabalho de leitura leve e agradável, que emerge com potencial de se tornar um livro de bolso relacionado à Arqueologia.

133

Ao longo das 320 páginas divididas em 40 pequenos capítulos Fagan conta algumas aventuras dos primeiros exploradores e algumas práticas metodológicas utilizadas pelos principais representantes da Arqueologia mundial e de suas grandes descobertas que ocorreram pelo mundo. Como o próprio nome sugere, tratam-se de histórias curtas, porém bem explicativas que prendem o leitor com sua narrativa descontraída; vão desde a busca a tesouros e cidades perdidas, até chegar às metodologias apoiadas na tecnologia que auxiliam cada vez mais na prática da Ciência Arqueológica, sem se ater nas definições teóricas e conceituações das escolas de pensamento arqueológico.

A jornada relatada no livro se inicia no século XVIII, com a menção dos achados daqueles que Fagan classifica como “*observadores casuais*”, muitas vezes indivíduos solitários que ficavam meses trabalhando em locais distantes. Sua sequência temporal chega “às *equipes de pesquisa*

coesas do século XXI”, compostas pelo arqueólogo e uma equipe cada dia mais multidisciplinar que passaram a conceber também a diversidade cultural. Nesse contexto, o autor mostra como os estudos arqueológicos deixam de ser apenas relacionados à Europa e ao Oriente Médio e mostra pesquisas realizadas em vários países das Américas, assim como regiões da África e da Ásia, apresentando, desde as descobertas realizadas por especuladores e aventureiros, até o período moderno, onde a tecnologia caminha em conjunto com a Ciência Arqueológica.

O autor ordena e exemplifica, de forma leve e simples, as etapas do processo de evolução das análises e observações realizadas pelos estudiosos da Arqueologia. Ele inicia o livro descrevendo a fase das grandes descobertas feitas de maneira fortuita e como esses pesquisadores foram se adequando às necessidades impostas em campo para a análise de suas descobertas, como, por exemplo, a necessidade da classificação dos artefatos, na tentativa de serem estabelecidas cronologias que explicassem a existência do ser humano na Terra. Tal sistematização das informações foi realizada através do sistema das três idades, iniciado por Thomsen, curador do Museu Real de Antiguidades Nórdicas em Copenhague (Dinamarca), que pode ser considerado como o primeiro exemplo de ordenamento para a classificação cronológica dos artefatos arqueológicos armazenados nos museus do século XIX.

134

Nesse mesmo período, o autor cita a importância de Jacob Worsaae e Montelius no intuito de elaborar quadros cronológicos que pudessem auxiliar nos “registros dos acontecimentos conforme estes ocorreram no tempo” (p. 84), surgindo, assim, a concepção da datação relativa, que se deu, em grande parte, em decorrência dos avanços dos estudos geológicos, a “nova geologia”, (p. 83), e a teoria da evolução. Sem dúvida, foi no século XIX que houve um grande implemento dos métodos utilizados em campo, muitos deles com a contribuição das práticas estabelecidas pela Geologia, que estava também em intenso desenvolvimento.

Grandes descobertas e escavações de sítios arqueológicos como Stonehenge, Altamira, Pompéia, Pirâmides do Egito, Machu Picchu, entre várias outras, são abordadas como pano de fundo para demonstrar como a análise em Arqueologia foi se tornando cada vez mais sistemática, detalhista e

abrangente. A Arqueologia deixa de ser apenas a observação de objetos e passa a ter uma amplitude muito maior, que insere a paisagem e o meio em que os seres humanos realizaram as suas tarefas cotidianas.

Fagan também aborda sobre como a questão da origem humana está presente entre os estudiosos desde o século XVI. Esse questionamento se intensificou no século XVIII, principalmente após a grande quantidade de instrumentos em pedra, que, quando descobertos, eram encaminhados para os antiquários na Europa. Até então, esses objetos eram considerados como sendo de formação natural, até que John Frere, um curioso matemático, constatou que esses instrumentos encontrados em suas terras se tratavam de “armas de guerra, fabricadas e usadas por um povo que não fazia uso de metais” (p. 49), juntamente com grandes ossos não humanos.

Segundo o autor, com a publicação da obra *A origem das espécies*, de Charles Darwin (1959), a Arqueologia acabou se tornando o grande foco de debates sobre as origens humanas, considerando que arqueólogos e geólogos já haviam conseguido provar a coexistência de seres humanos e animais extintos. A partir de então, várias teorias evolutivas foram criadas e debatidas.

O século XVIII viu nascer a Arqueologia como ciência, com estudiosos como Johann Joachim Winckelmann e Austen Henry Layard estudando indícios de antigas civilizações. O século XIX foi uma época de ouro para a Arqueologia, com escavações no Egito, na Mesopotâmia e nas Américas, produzindo “vastos tesouros”. O século XX viu o desenvolvimento de novas técnicas, como a datação por radiocarbono, que permitiu uma cronologia mais precisa para os artefatos. Já no século XXI, vimos uma nova mudança no foco da Arqueologia, com uma ênfase maior nas questões ambientais e no impacto do homem sobre a paisagem. Não se trata apenas do estudo de culturas e civilizações antigas, mas, agora, os arqueólogos estão mais preocupados com o impacto ambiental do homem sobre a paisagem. Esta mudança se deve, em grande parte, à crescente consciência dos efeitos devastadores das atividades intrusivas nos sítios arqueológicos.

O avanço tecnológico – aplicado à busca científica e à necessidade da compreensão de todos os aspectos paisagísticos que compõem a área do sítio, assim como as mudanças climáticas ocorridas ao longo dos tempos – é um tema bastante recorrente nas considerações sobre as pesquisas que Fagan exemplifica em seu livro. Essas técnicas incluem a datação por radiocarbono; a análise de DNA; o estudo de restos vegetais e animais e imagens de satélite, para estudar a paisagem.

O estudo da Arqueologia mudou muito ao longo dos últimos séculos. No século XVIII, os arqueólogos se preocupavam principalmente em encontrar e estudar as ruínas das antigas civilizações. No entanto, nos séculos XIX e XX, o foco da Arqueologia mudou para incluir o estudo de todos os aspectos do passado humano, desde as primeiras culturas dos povos originários (pré-históricas) até as culturas atuais (históricas mais recentes). Hoje, a Arqueologia é um campo complexo e interdisciplinar que está em constante mudança. À medida que aprendemos mais sobre o passado, os métodos e técnicas são adaptados a fim de acompanhar as últimas descobertas.

Ao longo dessa publicação Brian Fagan deixa claro seu pensamento de que o estudo da Arqueologia “sempre foi sobre pessoas” e que ela é fundamental para “explicar por que somos similares e por que somos diferentes”. Para isso, recorre a uma leitura de fácil compreensão, no intuito de alcançar um público mais vasto, que vai além do campo acadêmico.

Em suma, *Uma breve história da Arqueologia*, de Brian Murray Fagan, apresenta um texto didático, com informações que, embora básicas, são dotadas de profundidade argumentativa e de conteúdo, o que torna o trabalho tanto direcionado ao leitor especializado, que vise relembrar fatos diversos da Arqueologia, quando ao leitor não especialista ou iniciante no campo da ciência arqueológica. Tudo isso, entremeado por um texto diverso, instigante e aprazível.

REFERÊNCIAS

BAHN, Paul. The Cambridge Illustrated History of Archaeology. Cambridge: Cambridge University Press, 1996, 386p.

DANIEL, Glyn. Historia de la Arqueología: de los anticuarios a V. Gordon Childe. Madrid: Alianza Editorial, 1992 [1974], 303p.

TRIGGER, Bruce Graham. História do pensamento arqueológico. Tradução: Ordep Trindade Serra. São Paulo: Odisseus, 2004, 477p.